

ARTE E DIPLOMACIA:

THE POLITICS OF ART
DE HANAN TOUKAN

VITÓRIA PASCHOAL BALDIN

Historiadora da Arte (UNIFESP) e mestranda em Ciências da Comunicação (USP). Associada ao grupo de estudos COM+ e ao Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (Obcom), ambos associados à Universidade de São Paulo. Pesquisadora de arte e cultura visual palestina. Atualmente, se dedica a refletir sobre as imbricações entre imagem, plataformas digitais e ativismo transnacional palestino.

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, a arte voltou ao centro dos debates sobre democracia e participação social em relação ao Oriente Médio. Especialmente, no que diz respeito ao crescente fluxo, com significativo incremento a partir de levantes árabes no início de 2010, de apoio financeiro proveniente de organizações norte-americanas e europeias. Hanan Toukan, professora de Política e Estudos do Oriente Médio no Bard College Berlin, se debruça sobre essa questão — principalmente acerca das interligações estabelecidas entre arte e política internacional — em seu livro *The Politics of Art: Dissent and Cultural Diplomacy in Lebanon, Palestine, and Jordan* publicado em 2021 pela Stanford University Press. A partir do estudo do mercado e da cena artística de três grandes cidades — Beirute (Líbano), Ramala (Palestina) e Amã (Jordânia) —, a autora interconecta estética, política e economia, descrevendo as funções sociopolíticas das diferentes organizações e iniciativas artísticas nacionais e internacionais, revelando as relações diretas entre a arte produzida nesses países e as estruturas geopolíticas.

Com ênfase na arte contemporânea operada fora da estrutura do Estado, a autora argumenta que diversos artistas e espaços “alternativos” colocaram em debate questões diversas sobre as suas sociedades, tornando-se um campo aberto em que estética e sociedade se encontram em um movimento de caráter global. Isto é, recentemente, a região se tornou parte imprescindível nos itinerários de viagem de curadores internacionais e, como resultado, diversos artistas locais ganham, sucessivamente, maior destaque nos sistemas de arte ocidental. Há, neste processo, o discurso de que estas ações estariam decolonizando a arte ocidental, recuperando múltiplas modernidades e expressões em que a representação identitária, relativa à cultural local, tem sido fortemente incentivada.

Apesar disso, a ênfase da autora está na dimensão sociopolítica da arte, baseada, principalmente, na interpretação a respeito dos diferentes significados de organizações artísticas sem fins lucrativos, internacionalmente conectadas e financiadas. Assim,

“é imprescindível estudar não só a estética dessa produção material que compõe nossa economia hiper-liberal, mas também o que ela significa e codifica”¹ (p. 4). Teoriza-se a respeito do papel da estética da resistência para além das funções de dissidência, em um movimento que, segundo Toukan, estimula e legitima o sentimento de anti-estabelecimento, centrada principalmente nas formas expressas nos discursos a respeito das práticas contra-hegemônicas produzidas desde o final dos anos 1990 até o início dos Levantes Árabes. Esse recorte foi selecionado tendo em vista que ele

[...] lançou as bases para o cenário da arte contemporânea e sua relação com a economia neoliberal global de cultura e capital que prevalece na região hoje e faz parte de uma dinâmica mais longa de instrumentalização da arte para fins políticos na relação histórica da região com a hegemonia ocidental. (p. 6)

A obra analisa a dinâmica entre a produção artística e a diplomacia cultural em relação ao incentivo, especialmente financeiro, às práticas contra-hegemônicas pelos financiadores da cultura global neoliberal² através de ONGs e outras organizações sem fins lucrativos. Para a autora, a partir do diálogo com Gramsci (1971 apud TOUKAN, 2021), o caráter contra-hegemônico dessas produções, apesar do seu financiamento, tem relação com sua não-articulação com mercados de arte nacionais, estando, então, fortemente dependentes dos sistemas internacionais, impulsionando a troca e a viagem de objetos, ideias e pessoas.

Toukan se afasta conscientemente do binarismo tradicional de hegemonia e contra-hegemonia, considerando as particularidades pelas quais as obras surgem, circulam e são enquadradas em diferentes discursos de acordo com os interesses

1

Todas as traduções são nossas.

2

A autora se utiliza desse termo por acreditar que “[...] ele captura a visão global e a estética global propagada por uma forma especificamente neoliberal de capitalismo como a ideologia de apoio da globalização, que tantos financiadores culturais e praticantes aderem na prática, mesmo se nunca expresso categoricamente” (TOUKAN, 2021, p. 6).

de seus interlocutores. Tendo em vista que, nesse cenário, uma obra pode desempenhar um papel simultaneamente hegemônico e contra-hegemônico, a depender do mercado que está associada. O sistema liberal de arte global tem, sistematicamente, legitimado produções compreendidas como contra-hegemônicas no mercado nacional. A autora mobiliza, ao longo do estudo, uma série de exemplos em que a obra ocupa uma posição periférica no sistema artístico local, mas é posicionada no centro do sistema internacional de arte.

Para Toukan, a arte contemporânea nas cidades árabes analisadas em seu estudo foi estabelecida com base em “[...] um conjunto específico de condições que floresceram na última fase do capitalismo global” (p. 21), dominado pelo neoliberalismo. Assim, esse conjunto de estruturas, como corporações, capital, valores de trabalho e os imaginários relativos a isso, está fortemente investido na criação de um mundo artístico global baseado no livre comércio e no intercâmbio cultural, gestando uma temporalidade específica, bem como novas formas de comercialização que definem o mundo de arte contemporânea. A autora argumenta, ao longo de seu estudo, que as novas concepções sobre a produção artística contemporânea foram estruturadas em paralelo às mudanças neoliberais, experienciadas nesses locais principalmente através das paisagens urbanas e nos contextos sociopolíticos, em que novos empreendedores culturais — jovens, educados e liberais —, bem como curadores e investidores, entendem a arte como ferramenta que possibilita “[...] remodelar as paisagens, as lendas e o futuro de suas cidades sem precisar diretamente intervir na política formal” (p. 27).

A preocupação central é, portanto, investigar como e quais processos se utilizam da “[...] arte em prol da mudança social e política” (p. 7), contribuindo para compreender a função da representação e da expressão contra-hegemônica, a partir da correlação com diferentes formas de hegemonia. Nesse sentido,

[...] a arte contemporânea, apesar de sua suposta marginalidade, também intervém naquele espaço em termos que não podem ser compreendidos dentro dos limites da história da arte tradicional,

mas usando uma abordagem mais abrangente nos moldes de uma nova sociologia da arte ou uma nova história da arte. (p. 19)

A obra não é um trabalho tradicional da História da Arte ou da crítica, mas debruça-se, através de entrevistas e observações, sobre questões relativas à compreensão do papel da arte e do financiamento cultural internacional em diferentes sujeitos, organizações e iniciativas.

Ao longo do livro, o mundo da arte global é cuidadosamente analisado a partir dos centros urbanos focais, demarcando os processos, as forças e as instituições que atuam sobre a arte contemporânea e, principalmente, demarca os diferentes agentes culturais que permanecem invisíveis em um sistema que declara ser seu representante. O foco do estudo está nos modos de produção, representação e circulação dos objetos artísticos produzidos em Amã, Beirute e Ramala, tendo em vista que, para a autora, o significado de uma obra de arte, para além de sua configuração estética, também é construído no curso de sua circulação e produção. As preocupações formais permanecem evidentes na análise, mas com o objetivo final de refletir sobre o contexto geral no qual aquele objeto foi produzido e utilizado como resposta a certas demandas subjetivas e objetivas.

A obra é dividida em duas partes. A primeira centra-se no funcionamento do poder, explorando, ao longo de três capítulos, as transformações discursivas e estruturais nessas sociedades em relação às ONGs da sociedade civil e seu envolvimento financeiro com a produção artística, com ênfase na análise sobre como o significado político na produção cultural é construído e nos fatores que configuram a relação entre arte e política entre as diferentes gerações artísticas desses locais. Já a segunda parte enfatiza respectivamente cada uma das localidades, Beirute, Amã e Ramala, explorando a progressão do neoliberalismo na cena artística e sua conexão internacional.

Desse modo, *The Politics of Art* é um importante estudo sobre a arte contemporânea enquanto sistema global, em que iniciativas e organizações estão conectadas de maneira transnacional, contribuindo, paradoxalmente, para a estruturação de uma

hegemonia discursiva com foco em produções ditas contra-hegemônicas. A autora propõe novas formas de pensar a arte, nas quais as dinâmicas internas de poder político e econômico impelem produções que considerem as perspectivas globais. Ou seja, a obra é um relevante material para estudos, em simultâneo, sobre as produções artísticas do Oriente Médio e, também, sobre as dinâmicas globais de poder econômico e estético. Arte, cultura, diplomacia e política interpelam-se em uma cuidadosa análise sobre desigualdade, diversidade, decolonização, dominação e hegemonia.

REFERÊNCIAS

TOUKAN, Hanan. **The Politics of Art: Dissent and Cultural Diplomacy in Lebanon, Palestine, and Jordan.** Stanford University Press, 2021. ISBN: 9781503627758